

BEM-ESTAR ANIMAL APLICADO À SUINOCULTURA: PRÁTICAS E DESAFIOS PARA UMA PRODUÇÃO SUSTENTÁVEL

Laylles Costa Araújo

Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão – Estado

Theyllon Oliveira da Silva

Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão - Maranhão

Viviane Cristina Santos da Silva

Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão – Maranhão

Thállyssa Thaysa dos Santos Oliveira

Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão - Maranhão

Maria Victória Lima Sousa

Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão - Maranhão

Giselle da Silva Costa

Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão - Maranhão

Emanuella Mendes Colaço

Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão - Maranhão

Victória Mariana da Luz Barros

Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão - Maranhão

Ana Victória Ferreira de Souza

Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão - Maranhão

Letícia Suellen Soares Alencar

Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão - Maranhão

RESUMO

A suinocultura desempenha um papel relevante no cenário socioeconômico brasileiro e internacional, destacando-se como uma das principais atividades do agronegócio. Apesar dos avanços em produtividade, o setor enfrenta desafios relacionados ao comprometimento do bem-estar animal, especialmente em sistemas intensivos de produção. Este trabalho teve como objetivo analisar a aplicação dos princípios de bem-estar animal na suinocultura, discutindo suas implicações na produtividade, saúde dos suínos, aceitação social e sustentabilidade da cadeia produtiva. Por meio de uma revisão narrativa de literatura, observou-se que o bem-estar vai além da ausência de doenças, envolvendo a expressão de comportamentos naturais, conforto, nutrição adequada e a redução de estresse. A Organização Mundial de Saúde Animal (OIE) estabelece as “cinco liberdades” como base para práticas mais éticas de criação, que vêm sendo incorporadas por legislações nacionais e internacionais. A adoção de melhorias na ambiência, manejo e alojamento tem demonstrado efeitos positivos na conversão alimentar, qualidade da carne e bem-estar físico e psicológico dos animais. Além disso, a integração de tecnologias e boas práticas na produção suína contribui para a sustentabilidade ambiental e fortalece a imagem do setor perante consumidores e mercados exigentes.



Conclui-se que o bem-estar animal representa não apenas um imperativo ético, mas uma estratégia eficiente para agregar valor ao produto, atender às exigências legais e promover a competitividade da suinocultura brasileira no contexto global.

Palavras-chave: Bem-estar animal. Suinocultura. Sustentabilidade. Produtividade. Ambiência.

1 INTRODUÇÃO

A suinocultura no Brasil, assim como em diversas regiões do mundo é uma atividade de grande importância socioeconômica possuindo uma posição de relevância no mercado internacional como quarto maior produtor de carne suína com 3,6 milhões de toneladas produzidas em 2015 (Galvão *et al.*, 2019). Com o fácil manejo e o valor elevado torna um negócio bem-sucedido nas fazendas de grande, médio e pequeno porte (Santos *et al.*, 2016).

Com todos os pontos positivos agregados ao bom desempenho da suinocultura, os problemas acabam sendo crescentes acarretando negativamente a produção como a redução de espaço de criação, a diminuição da mobilidade para o animal, assim como o estresse e a baixa interação social, gerando o comprometimento do bem-estar. Futuramente essas situações irão gerar uma queda ou atraso no ganho de peso, reprodução, aumento na prevalência de doenças, uma carne sem ou com pouca qualidade, que o produtor irá sentir financeiramente a perda (Veloni *et al.*, 2013).

Atualmente, a preocupação com o Bem-Estar Animal (BEA) tem se intensificado em diversos países ao redor do mundo. Esse crescente interesse tem estimulado investigações voltadas aos comportamentos e às condições que afetam tanto o estado físico quanto o psicológico dos animais, refletindo diretamente em sua qualidade de vida. Como consequência, observa-se uma significativa mudança nas práticas de manejo adotadas pelos produtores, especialmente no que se refere aos animais destinados ao abate, promovendo a adoção de sistemas e métodos de produção voltados à obtenção de carne com maior valor agregado e qualidade superior (Carvalho *et al.*, 2021).

A Organização Mundial de Saúde Animal (OIE), de forma mais extensa adotou o bem-estar animal como um foco principal, reconhecendo que a saúde animal é um ponto crucial neste tema. Com isso, foram criados e discutidos recomendações e diretrizes práticas de bem-estar animal nos locais de produção, do transporte e do abate (OIE, 2009)

Como o bem-estar voltado para os suínos têm sido um tema explorado e debatido por questões voltada ao interesse social, a integração de estudos científicos já disponíveis deve ser praticada para estabelecer as novas normas (Averós *et al.*, 2010). De acordo com Fraser (2012), “ a ciência não responde às questões éticas, mas influencia os tipos de questões éticas que fazemos e o tipo de respostas que nós achamos satisfatórias”.



Portanto, a capacidade de considerar de maneira conjunta o desenvolvimento do bem-estar assim como a lucratividade desse mercado, torna-se um ponto positivo dessa área, podendo alcançar mudanças ainda mais significativas.

2 OBJETIVO

O presente trabalho tem como objetivo analisar a aplicação dos princípios de bem-estar animal na suinocultura, discutindo suas implicações na produtividade, saúde dos animais, aceitação social e sustentabilidade da cadeia produtiva.

3 METODOLOGIA

Trata-se de uma revisão narrativa de literatura, realizada por meio de levantamento bibliográfico nas bases Scielo, Scopus, Web of Science e Google Acadêmico. Foram selecionadas publicações científicas que abordam diretamente o tema do bem-estar animal na suinocultura. Foram considerados artigos, dissertações, normas técnicas (como as do MAPA e da OIE) e manuais de boas práticas, com ênfase nas condições brasileiras de produção. A análise foi qualitativa e exploratória.

4 DESENVOLVIMENTO

Bem-estar animal por mais que transpareça ser um resumo apenas de que é a ausência de enfermidades ou sofrimento físico, ela vai além disso abrangendo a possibilidade de os animais manifestarem comportamentos típicos da espécie, que tenham um ambiente apropriado e experimentarem estados emocionais assertivos (Mellor, 2016). A Organização Mundial de Saúde Animal (OIE,2021) simplifica esses princípios no que chamam de “cinco liberdades”’: ausência de fome e sede; conforto garantido; proteção contra dor ferimentos e doenças; liberdade para expressar comportamentos naturais; e ausências de medo e estresse. São pontos que norteiam o desenvolvimento de sistemas mais éticos e eficazes na produção suína.

De acordo com Ludtke (2010), citado por Costa (2016), os primeiros avanços formais no campo do bem-estar animal datam de 1965, quando foi criado no Reino Unido o Comitê Brambell. A instituição desse comitê foi uma resposta à crescente preocupação da sociedade diante das denúncias de maus-tratos em sistemas intensivos de produção animal, situação amplamente divulgada pela obra “Animal Machines”, de Ruth Harrison. A partir de sua criação, estabeleceram-se fundamentos importantes para o desenvolvimento de investigações mais profundas acerca dos conceitos e diretrizes relacionados ao bem-estar dos animais de produção.

O bem-estar animal tem se consolidado como um dos pilares fundamentais da produção suínica moderna, sendo impulsionado por mudanças no perfil do consumidor, exigências legais e pela crescente



preocupação com práticas éticas na pecuária. A suinocultura, tradicionalmente marcada por sistemas intensivos, vem passando por um processo de transformação que busca conciliar produtividade, sustentabilidade ambiental e respeito às necessidades fisiológicas e comportamentais dos suínos (Pandorfi et al., 2020).

Com frequência no estudo da suinocultura é debatido sobre ambiência e o bem-estar voltado para o ambiente físico, tais como características do piso, aspectos climáticos, luz, fornecimento de alimentos e a qualidade da água. Quando se trata do clima, as condições ambientais externas e do microclima das instalações (temperatura, umidade, ventilação). Na parte social, refere-se as reações dos animais em relação ao ambiente voltado ao bem-estar (Naas; Tolon; Baracho, 2014).

Animais cuja saúde é boa, são bem cuidados e estão em âmbitos devidamente adequados costumam ter uma maior produção e apresentam níveis mais eficientes em termos de conversão de alimentos em produtos. A redução de estresse está relacionada ao bem-estar em locais em que a práticas de manejo são adequadas melhorando a saúde dos animais, e por consequência o aumento da produtividade (Azevedo et al., 2020).

Quaisquer ações podem impactar a qualidade dos produtos e os valores finais para o produtor e a agroindústria, desde práticas instauradas no processo de criação assim como as envolvidas nas etapas do abate (antes, durante e após). São verificas alterações no metabolismo e na fisiologia devido aos maus tratos chegando a causar a morte dos animais, prejudicando a carcaça e a diminuição do peso vivo (Silva et al., 2022).

Diversas nações têm adotado normas e legislações específicas que estabelecem critérios mínimos para assegurar o bem-estar dos animais utilizados na produção. O descumprimento dessas diretrizes pode acarretar sanções legais, além de comprometer significativamente a imagem e a credibilidade tanto das empresas quanto dos países envolvidos (Miele et al., 2022).

No contexto brasileiro, a proteção aos animais é respaldada por legislações específicas, como a Lei nº 9.605, de 1998, conhecida como Lei de Crimes Ambientais, que estabelece punições para atos de crueldade e maus-tratos. De maneira complementar, em 2008, foi sancionada a Lei nº 11.794, a qual regulamenta o uso de animais em atividades de ensino e pesquisa científica, definindo parâmetros voltados à redução do sofrimento e à garantia de condições éticas durante tais procedimentos.

Segundo Alves (2019) nos últimos anos as mudanças na legislação são vistas, assim como o desenvolvimento da produção de alimentos baseados em práticas e processos que tenham como enfoque o bem-estar animal. Essas alterações causam impactos favoráveis em questões sociais e de sustentabilidade, nos sistemas de produção (mortalidade, produtividade, custos e valor agregado ao produto), na qualidade dos alimentos e segurança, bem como na saúde animal e humana.



No Brasil, a suinocultura representa um setor estratégico do agronegócio. No entanto, o desafio atual é tornar esse sistema produtivo mais humanizado, sem comprometer a eficiência zootécnica. Nesse contexto, práticas baseadas nos princípios do bem-estar animal têm ganhado espaço como resposta às novas exigências de mercado e como estratégia para agregar valor ao produto (Sbardella et al., 2024). A incorporação de tecnologias, melhorias no manejo, e o redesenho dos sistemas de alojamento são componentes essenciais para essa transição.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base na análise realizada, evidenciou-se que o bem-estar é um fator essencial para o bom desempenho zootécnico e para a obtenção de produtos de qualidade superior, além de atender às exigências de um consumidor cada vez mais atento a práticas éticas de produção.

A suinocultura contemporânea precisa lidar com o desafio de aliar eficiência econômica à responsabilidade socioambiental, sendo o bem-estar dos animais um componente chave nesse processo. A implementação de melhorias no manejo, na estrutura das instalações e no respeito às necessidades naturais dos suínos se mostra eficaz tanto para elevar os indicadores produtivos quanto para valorizar a imagem do setor perante a legislação vigente e as demandas sociais. Assim, promover o bem-estar animal vai além de uma exigência moral — representa uma abordagem estratégica para tornar a suinocultura nacional mais sustentável e competitiva no cenário internacional.



REFERÊNCIAS

- ALVES, F. V.; PORFIRIO-DA-SILVA, V.; KARVATTE JUNIOR, N. et al. (Ed.). ILPF: inovação com integração de lavoura, pecuária e floresta. Brasília, DF: Embrapa. p. 209- 223. 2019.
- AVEROS, X.; BROSSARD, L.; DOURMAD, J. Y., et al. Quantitative assessment of the effects of space allowance, group size and floor characteristics on the lying behaviour of growing-finishing pigs. *Animal*, Cambridge, v.4, n. 5, p. 777-783, 2010.
- AZEVEDO, H. H. F.; AZEVEDO, H. H. F.; PACHECO, A. et al. Bem-estar e suas perspectivas na produção animal. *Pubvet*, v. 14, n. 1, a481, p. 1-5. Jan. 2020.
- CARVALHO, C. L.; CAMARGO, N., et al. I. Bem-estar animal de bovinos e suínos no abate: portaria 365. *Science And Animal Health*, v. 9, n. 2, p. 142-161, 2021.
- FRASER, D. Compreendendo o bem-estar animal: a ciência no seu contexto cultural. p.436., 2012.
- GALVÃO, A.T; SILVA, A.S.L; PIRES, A.P; et al. Bem-estar animal na suinocultura. *PUBVET*. v.13, n.3, p.1-6. 2019.
- MIELE, M.; MAZZUCO, H.; ABREU, P. G.; DALLA COSTA, O. A. Maior preocupação com bem-estar animal. *Agropensa*. Embrapa. 2022.
- NAAS, I. A.; TOLON, Y. B.; BARACHO, M. S. Conforto ambiental em suínos: conceitos e dados. In: FERREIRA, A. H. et al. (org.). *Produção de suínos: teoria e prática*. Brasília, 2014.
- PANDORFI, H. et al. Tecnologias aplicadas à suinocultura e seus impactos na sustentabilidade produtiva. *Agropecuária Técnica*, v. 41, n. 1, p. 45–52, 2020
- SANTOS, C. L. A.; SANTOS, V. C.; SOARES, D. M. A.; et al. Importância dos caracteres raciais na escolha do tipo suíno desejado. *Informativo Técnico do Semiárido, Pombal*, v. 10, n. 2, p. 48-52, 2016.
- SBARDELLA, M. et al. *Tecnologias para a Produção de Peixes, Aves e Suínos: Soluções com Base em Pesquisa Aplicada*. Campinas: Embrapa, 2024.
- Organização Mundial da Saúde Animal (OIE). – Bem-estar dos suínos em sistemas de produção. Código Sanitário para os Animais Terrestres. v1. 2009.
- Organização Mundial De Saúde Animal (OIE). Código Sanitário para os Animais Terrestres – Capítulo 7.13: Bem-estar dos suínos de criação. 2021. Disponível em: <https://www.oie.int>. Acesso em: 10 abr. 2025.
- VELONI, M. L.; PRADO, P. L.; ARSSUUFFI, B. M.; et al. Bem-estar animal aplicado nas criações de suínos e suas implicações na saúde dos rebanhos. *Revista científica eletrônica de medicina veterinária*, v. 9, n. 21, p. 1-21, 2013